

RESENHA

A PRÁXIS DA EDUCAÇÃO: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

THE PRACTICE OF EDUCATION: CONTEMPORARY CHALLENGES

LA PRÁXIS DE LA EDUCACIÓN: DESAFÍOS CONTEMPORÂNEOS

MARIANI, Ana Paula da Silva Zorzi; BARROS, Evanir Aparecida Ramos (Org.). **A práxis da educação: desafios contemporâneos**. Porto Alegre: Evangraf, 2018. 184p.

Arthur Breno STÜRMER¹

A práxis da educação: desafios contemporâneos traz a público as preocupações com saberes e fazeres que estão na ordem do dia, mas que se colocam como verdadeiros desafios para o futuro. São desafios de todos os tipos que, submetidos a uma análise rigorosa, reportam-se à prática cotidiana, na escola. Quer dizer, assume-se a pluralidade de temáticas que têm lugar, hoje, no ambiente escolar. A coragem para enfrentar tal desafio é a primeira marca distintiva desta obra. Por ser uma produção coletiva, a abordagem pluralista quanto aos temas estendeu-se às formas de abordagem. A segunda marca é fazer convergir em uma mesma obra as vivências profissionais em diferentes ambientes, o que exige um movimento da ação para a reflexão e da experiência local para a regional. Se for possível vislumbrar uma terceira marca distintiva desta obra é que ela ocupa um espaço nada confortável na tênue fronteira que supostamente separa teoria e prática. No entanto, situar-se na fronteira que faz d'*A práxis da educação* uma obra que merece ser lida, interpretada e também aplicada a novos contextos.

As organizadoras da obra deixaram bem clara sua compreensão gadottiana de que a prática coletiva é “a fonte mais viva da teoria” que estão construindo, tendo como referência as ações, práticas, pesquisas e reflexões dentro de um recorte espacial bem definido. Seu pertencimento à 9ª Coordenadoria Regional de Educação (9ª CRE), em Cruz Alta-RS, torna o trabalho de Mariani e Barros um exemplo de síntese dos esforços por reconstruir a teoria na prática e de teorizar sobre uma prática que é atravessada pelo

¹Instituto Federal de Alagoas, Maceió, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0510-8454> E-mail: arthur.sturmer@gmail.com.

novo. Eis o signo que identifica os “desafios contemporâneos” que se apresentam à área de abrangência da Coordenadoria.

A seleção de textos sobre temáticas diversas reflete a formação de Ana Mariani, que é Mestre em Educação e atua como assessora em educação especial na 9ª Coordenadoria Regional de Educação (9ª CRE) e junto ao Núcleo de Tecnologia Educacional (NTE). Já Evanir Barros possui quatro pós-graduações na área da educação e atua como coordenadora pedagógica no mesmo órgão ligado à Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Sul (SEDUC/RS). A soma de suas experiências com educação, entretanto, vai da publicação de livros infantis – *Lobo & Mel*; *Desta vez o macaco Nanico vai para a escola* – e blog *Turminha on line*, de autoria de Mariani, ao *Mérito Negro* recebido por Barros do Grupo de Mulheres Negras Cruz Alta.

Com inaudita habilidade, os onze artigos têm em comum a disposição em expor os desafios à educação relativos a cada tema, interpretando-os à sombra de renomados pesquisadores e pensadores da educação. Fazem parte da temática: infância, cultura, inclusão e arte, bem como tecnologia, formação continuada, relações étnico-raciais e outros. Ao longo da obra, os treze autores vão tangendo as inquietações que se mostram mais candentes à educação na contemporaneidade.

A práxis na educação tem o objetivo de contribuir com as atuais discussões no cenário educacional, com especial atenção aos desafios da docência no século XXI. Está dirigida a leitores que atuam na educação escolar, gestores educacionais e público em geral interessado em práticas inovadoras na educação.

A apresentação feita pela diretora pedagógica da Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Sul (SEDUC/RS) frisa o protagonismo dos autores na construção de saberes e fazeres pedagógicos e ao realizarem um movimento coletivo visando socializar as vivências profissionais. Destaca também o papel que têm no fortalecimento de formas de pensar e agir na educação, representadas justamente pelo protagonismo, mediação, cooperação, trabalho coletivo e relações produtivas vinculadas à docência e gestão educacional.

O artigo que abre o livro dá o tom das discussões quando reivindica espaço para a dança na escola. Contempla-se a dança no contexto escolar desmistificando paradigmas, questionando práticas e sugerindo conectar a dança às demais disciplinas do currículo. Traz propostas e sugestões de atividades de dança para o primeiro e segundo ciclos do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio. Ao afirmar “a escola como um espaço não apenas de escuta, mas de permanentes representações, construções

e criações” (BILIBIO *apud* MARIANI; BARROS, 2018, p. 11) aponta para a relevância da dança na formação de sujeitos ativos através da linguagem corporal. Lembra que o movimento proporcionado pela dança é uma forma de expressão e comunicação que auxilia na formação de um cidadão crítico, participativo e responsável. Assim, a dança pode ser um instrumento para a educação criadora e emancipadora.

Atingir uma educação deste tipo depende de formação continuada. O 2º artigo sublinha a reflexão e capacitação que levam os professores a redefinir o ensino-aprendizagem. A formação continuada permite-lhes compreender e ressignificar seus próprios conhecimentos. Uma das vias é a fazer a relação da teoria com a prática. Por isso, a formação continuada terá mais sentido, sendo significativa ao professor, à medida que articule teoria e prática. A via, diz a autora, é dotar os professores de uma fundamentação teórica que lhes permita analisar e refletir sobre todos os aspectos que compõem e influenciam o contexto escolar. Tal formação teria como meta o aperfeiçoamento do professor e a revisão de seus saberes e métodos.

Um tema que está muito ligado à formação continuada é a tecnologia digital. No 3º artigo ela aparece como suporte para o Atendimento Educacional Especializado (AEE). A autora entende que os professores e a escola, na era digital, assumem novos papéis. Um deles é oportunizar ao aluno com deficiência a significativa construção do conhecimento. Ao relatar uma experiência com formação de professores, descrevem-se os resultados obtidos com uma atividade de oficina para a construção de Objetos Digitais de Aprendizagem (ODAs) com professores da 9ª Coordenadoria Regional de Educação (9ª CRE). A conclusão é que nas escolas há espaço para expandir o uso das tecnologias que inovam na sala de aula, pois há acesso a recursos tecnológicos e internet. Embora nem sempre se reconheça a importância da utilização das tecnologias digitais, elas dinamizam o ensino e aprendizado no AEE, o qual é destinado às pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades. Trata-se de conciliar a tecnologia digital – sinônimo de complexidade e velocidade – com as necessidades dos alunos com deficiência, pois “eles necessitam de um tempo maior para concluir as atividades propostas”, diz Mariani (*apud* MARIANI; BARROS, 2018, p. 43).

A preocupação com a saúde e educação recebeu a devida atenção no 4º artigo, em que se encontram nas provas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), algumas particularidades quanto à inserção de assuntos relacionados à saúde. Em quase uma década de existência, o Exame fez prevalecer abordagens sobre conteúdos

previstos nos documentos que orientam a construção do currículo do Ensino Médio. No entanto, o conceito de saúde presente nas provas é um tanto raso. Se por um lado falam de prevenção e combate às doenças, exposição a fatores de risco, causas das doenças, sintomas e dados estatísticos, por outro, mal os conectam aos demais fatores a eles relacionados, como o lazer, a disponibilidade de emprego, dentre outros. Segundo os autores, saúde não é apenas ausência de enfermidade, mas o completo bem-estar físico, social e mental. Essa lacuna foi parcialmente compensada pela alteração do modelo de provas, que, a partir do ano de 2009, teve caráter transdisciplinar. De qualquer modo, o ENEM exerce uma importante influência nos currículos do Ensino Médio, que vai além dos programas de conteúdos. O trabalho com essa temática dentro da escola caracteriza uma ação social de promoção da saúde, “já que na escola são abordados não somente conceitos básicos, mas desenvolvidas discussões, debates e pesquisas que contribuem para que os estudantes ampliem seus conhecimentos sobre o assunto” (TERNES; CORRÊA *apud* MARIANI; BARROS, 2018, p. 51-52).

No artigo seguinte analisa-se como os dados estatísticos engendram as práticas docentes, especialmente em relação á alfabetização. Inicialmente, afirma que os dados estatísticos são produzidos e também produtivos: “produtivos porque a partir deles, ações serão organizadas e executadas a fim de [que] todos se enquadrem na normalidade e apresentem assim, melhores resultados” (PINHEIRO *apud* MARIANI; BARROS, 2018, p. 86). Em meio às suas análises, chama a atenção para o fato de que o saber estatístico se constitui como sujeito que se enxerga como agente nos índices positivos. A autora contextualiza a trajetória dos discursos de alfabetização, deslocamentos e representações, concluindo que, para compreender por que alguns dados (estatísticos) não são positivos, é preciso observar quais discursos sobre a alfabetização estão compondo as práticas pedagógicas.

O 6º artigo segue fazendo o movimento a que a obra se dispôs. Vai de uma perspectiva prática para a teoria, oscilando entre estes dois polos auxiliares à compreensão da *práxis da educação*. Nele, as estratégias com vistas a superar as dificuldades de aprendizagem são encontradas em metodologias que despertam a curiosidade, favorecem a motivação e fortalecem a percepção do aluno como origem da própria ação. Apresenta cinco metodologias ativas, incluindo a Sala de Aula Invertida e a Gamificação, e ressalta de que é a abordagem pedagógica – e não a tecnologia – a responsável pela aprendizagem, bem como o necessário engajamento do aluno no

processo de construção do conhecimento. Em uma frase, a meta comum dessas metodologias é favorecer o protagonismo do aluno e o desenvolvimento da autonomia.

Pensar no aluno é o que se faz no 7º artigo, quando da reflexão sobre os motivos do desinteresse dos alunos na Educação de Jovens e Adultos (EJA). São buscados no processo de ensino-aprendizagem e mesmo antes dele, no trabalho de planejamento do professor. É o ponto de partida para, ao final, se ser assertivo a respeito da falta de interesse e motivação para estudar: currículo inapropriado aos jovens e adultos, conteúdos voltados mais para classes regulares, o tipo de planejamento do professor e a proposta pedagógica da escola. Conclui-se que planejamentos que estimulem a permanência e assiduidade, e a criação de vínculos afetivos sejam uma boa solução.

A permanência do aluno passa pelo respeito à sua cultura. Isso fica bem evidente quando o assunto é a diversidade étnico-racial, abordada no 8º artigo. Parte-se da legislação vigente para discutir seus efeitos na educação escolar e advertir que a práxis deve ter um novo sentido e ser contextualizada, evitando descontinuidades e se referenciar em leis. A solução estaria na formação e profissionalização docente.

A preocupação com a formação docente perpassa o 9º artigo, que trata da neuropsicopedagogia na educação, particularmente como aporte teórico indispensável para que os profissionais da educação possam lidar com as dificuldades de aprendizagem dos alunos. Ao cabo, constata-se que esta ciência é capaz de promover olhares diferenciados sobre o processo de aprendizagem e sobre a individualidade, assim como contribuir para que as aulas se tornem mais motivadoras e dinâmicas. Após percorrer as contribuições da Neurociência para a educação, são elencadas recomendações importantes, desafiadoras e ousadas: oportunizar educação continuada sobre o assunto, conferir mais cientificidade à formação dos professores e, ao nível da escola, trazer a ciência para as reuniões pedagógicas, fazendo o corpo docente dialogar sobre o assunto e verificar quais ações práticas pode empreender.

Da ciência na prática docente para o cinema, chega-se a um relato de experiência que descortina nova possibilidade de reflexão e produção acerca da infância e do Transtorno do Espectro Autista (TEA), com a análise da obra cinematográfica *Meu Filho, Meu Mundo*. O mesmo oportunizou o repensar as pedagogias em circulação nos cotidianos, em favor de uma pedagogia pautada “nas diferenças e nas ações educativas compartilhadas”. Para a autora, antes do transtorno há uma criança com potencialidades, culturas, linguagens, saberes e distintas maneiras de desenvolver suas aprendizagens. Urge lhes oportunizar o protagonismo nestes processos, segundo uma pedagogia como

vista no filme: sensível, afetuosa, cuidadora, atenta às necessidades da criança, que estimule distintos aspectos e vá além dos diagnósticos.

Encerrando a presente obra, o último artigo sequencia o debate sobre autismo, complementando o que se delineava no artigo anterior e acrescentando experiências em sala de aula e a importância da participação da família no meio escolar.

A obra é um grande convite à ação. É empolgante, sem deixar de ser reflexiva e comprometida com a práxis desenvolvida pelo grupo de autoras e que, de modo coletivo, voltaram-se a um conjunto de temas que o leitor concordará serem desafiantes.

Recebido em: Janeiro de 2019.
Aceito em: Maio de 2019.

Como referenciar esta resenha:

STÜRMER, Arthur Breno. A práxis da Educação: desafios contemporâneos. **EDUCA - Revista Multidisciplinar em Educação**, Porto Velho, v. 6, n° 15, p. 271-276, jul./set., 2019. DOI: <http://doi.org/10.26568/2359-2087.2019.3888>.